

O AUTO DA COMPADECIDA E A FINITUDE: UMA ANÁLISE FILMICA À LUZ DA LOGOTERAPIA

EL YO DE LA COMPADECIDA Y LA FINITUD: UN ANÁLISIS DE LA PELÍCULA A LA LUZ DE LA LOGOTERAPIA

¹Diogo Rogério Carlos

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar, à luz da Logoterapia, os discursos e representações de finitude no filme *O Auto da Compadecida*. A Obra de Ariano Suassuna que já foi adaptada para o teatro, para a televisão e para o cinema aborda, entre tantos assuntos, a problemática da finitude numa visão nordestina: a visão do humor. A Logoterapia é uma abordagem psicológica criada por Viktor Emil Frankl, um médico psiquiatra de Viena, sobrevivente de quatro campos de concentração nazistas, e autor do best-seller *Em Busca de Sentido*; sua abordagem tem como fundamento o encontro do sentido na existência humana, considerando a pessoa como um ser tridimensional bio-psico-noético. Apresenta-se no desenrolar da análise filmica conceitos da Logoterapia, como a tríade trágica (sofrimento, culpa e morte), a tríade valorativa (atitude, vivência e criação), os pilares logoterapêuticos (liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida), a autotranscendência, o autodistanciamento e a vontade de humor, presentes nas narrativas de finitude das personagens. O filme *O Auto da Compadecida* apresenta sujeitos nordestinos que se percebem e que se posicionam perante a finitude de forma cômica, com fé fervorosa, com atitudes covardes ou heroicas; como escreve Viktor Frankl, na reflexão sobre a morte, as pessoas sentem-se convocados à vida. Aproximando-se também da concepção de ser-para-a-morte de Martín Heidegger, onde assumir esse posicionamento, não significa pensar constantemente na morte e sim encarar a morte como um problema que se manifesta na própria existência. A análise filmica tece aproximações entre a Logoterapia e as narrativas e experiências dos protagonistas do *Auto da Compadecida* diante da finitude e da morte, mostrando que o autodistanciamento e a vontade de humor, que é entre outras coisas, a capacidade de enxergar aquilo que é trágico de forma engraçada, é um recurso especificamente humano-nordestino para autotranscender.

Palavras-chave: Análise Fílmica; Logoterapia; Finitude; Autodistanciamento; Humor.

RESUMEN

El objetivo de esta investigación es analizar, a la luz de la Logoterapia, los discursos y representaciones de la finitud en la película *O Auto da Compadecida*. La obra de Ariano Suassuna, que ya ha sido adaptada para teatro, televisión y cine, aborda, entre muchos temas, la cuestión de la finitud desde una perspectiva nororiental: la visión del humor. La logoterapia

¹Mestrando em Psicologia Social pela Universidad de Flores (UFLO) – Buenos Aires, Argentina. Especialista em Logoterapia e Análise Existencial pela UNILIFE (João Pessoa – PB) e em Psicomotricidade pela Faculdade IBRA. Graduado em Psicologia pela Universidade do Vale do Ipojuca (UNIFAVIP) – Caruaru, PE. Professor e coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU) – Caruaru. E-mail: diogorogeriopsi@outlook.com

es un enfoque psicológico creado por Viktor Emil Frankl, psiquiatra vienés, superviviente de cuatro campos de concentración nazis y autor del best-seller *En busca de sentido*; Su enfoque se basa en encontrar sentido a la existencia humana, considerando a la persona como un ser biopsiconoético tridimensional. En el transcurso del análisis cinematográfico se presentan conceptos de la Logoterapia, como la tríada trágica (sufrimiento, culpa y muerte), la tríada valorativa (actitud, experiencia y creación), los pilares logoterapéuticos (libertad de voluntad, voluntad de significado y sentido de la vida), la autotranscendencia, el autodistanciamiento y el deseo de humor, presentes en las narrativas de finitud de los personajes. La película *O Auto da Compadecida* presenta sujetos nordestinos que se perciben y se posicionan ante la finitud de manera cómica, con fe ferviente, con actitudes cobardes o heroicas; como escribe Viktor Frankl, al reflexionar sobre la muerte, la gente se siente llamada a la vida. Abordando también la concepción del ser-para-la-muerte de Martín Heidegger, donde asumir esta posición no significa pensar constantemente en la muerte sino afrontar la muerte como un problema que se manifiesta en la propia existencia. El análisis filmico teje similitudes entre la Logoterapia y las narrativas y vivencias de los protagonistas de *Auto da Compadecida* ante la finitud y la muerte, mostrando ese distanciamiento y el deseo de humor, que es, entre otras cosas, la capacidad de ver lo que Es trágico de una manera divertida, es un recurso específicamente humano del noreste para la autotranscendencia.

Palabras clave: Análisis cinematográfico; Logoterapia; Finitud; Autodistanciamiento; Humor.

1 INTRODUÇÃO

Longa brasileiro mais assistido no ano 2000, *O Auto da Compadecida*, do diretor Guel Arraes, baseado na peça de Ariano Suassuna de 1955, foi considerado pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema (Abraccine) como um dos 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos. A história retrata a realidade social vivida à época, com um toque de comédia, sendo um marco no cinema brasileiro, não somente pelo sucesso que se tornou, mas por representar o período de retomada do cinema nacional, que vinha passando por uma fase muito difícil. A obra se apresenta como uma restauração da identidade brasileira, sendo um longa muito importante, também por sua crítica social, pois, vai contra as instituições oficiais com humor e deboche. O filme retrata a vingança dos pobres em relação aos ricos e as instituições, como por exemplo, a Igreja, ao mesmo tempo que mostra a espiritualidade enraizada na cultura destes sujeitos, algo que é aguçado diante da finitude.

Ariano Suassuna foi um escritor nascido em João Pessoa, Paraíba, e que viveu a maior parte de sua vida em Recife, Pernambuco. Defensor da cultura nordestina, o autor de *Auto da compadecida* lançou o Movimento Armorial, que se interessava pelo conhecimento e desenvolvimento das formas de expressão populares tradicionais. Apesar de ser sua obra mais popular, Suassuna escreveu muitas outras, porém, *Auto da compadecida* diferencia-se 'por ser uma peça teatral em forma de auto (gênero da literatura que trabalha com elementos cômicos e tem intenção moralizadora). É um drama nordestino apresentado em três atos. Contém

elementos da literatura de cordel e está inserido no gênero da comédia, se aproximando, nos traços, do barroco católico brasileiro. Trabalha com a linguagem oral e apresenta também regionalismo através da caracterização do nordeste. *Auto da Compadecida* foi escrita em 1955 e encenada pela primeira vez em 1956; anos mais tarde, foi adaptada para a televisão, em 1999, e para o cinema, em 2000.

A análise se baseia na construção dos diálogos de vida pensando a morte do filme o “Auto da compadecida” que tem como enredo o sertão da Paraíba, construído cinematograficamente como local pobre e árido, onde o esperto João Grilo (Matheus Nachtergaele) tenta sobreviver tendo por melhor amigo, Chicó (Selton Melo), um sujeito criativo, que vive a contar histórias. O tema da finitude não apenas está no pano de fundo de todo o filme, como também já aparece na primeira cena, quando nas ruas da cidadezinha de Taperoá, os protagonistas João Grilo e Chicó divulgam com um estandarte a exibição do filme da Paixão de Cristo, enquanto os moradores saem nas suas portas e janelas, curiosos pelo assunto. O elemento da fé já entra em cena, mostrando por quais veredas o enredo se construirá; sendo a história de Jesus, carpinteiro, que nasce numa manjedoura, filho de pais humildes de uma pequena cidade, chamada Nazaré, que morre, abandonado por quase todos, exceto, por sua mãe Maria e alguns poucos amigos.

Os discursos de finitude, de alguma forma são atravessados pelo tema da religiosidade, das experiências religiosas, da espiritualidade e das experiências espirituais, e o filme já mostra na primeira cena, que os expectadores assistirão um enredo sobre a finitude, com tais atravessamentos. João Grilo diz: “Não percam a história de um vivente que é Deus e homem ao mesmo tempo!” E Chicó completa: “um filme de mistérios, cheio de milagres e acontecimentos de outro mundo...” Algo característico para o povo nordestino, a devoção popular, as crenças em milagres e no “outro mundo”, algo presente na grande parte das religiões.

O enredo do filme começa a ser tecido quando os dois amigos são contratados na padaria do avaro padeiro (Diogo Vilela) e de sua esposa, Dora (Denise Fraga), caracterizada pela infidelidade ao seu esposo. João e Chicó são explorados pelos patrões, que lhes concedem tratamento inferior aos animais da casa, vivem muitos perrengues, e diante da vida precária, aprendem a criar saídas, como forma de sobrevivência. Os dois, tomados pela ambição e sonhos de uma vida melhor, veem uma chance de ganhar dinheiro, quando a cachorrinha de estimação da mulher do padeiro morre e os dois organizam um enterro em Latim. O desfecho desse plano é uma confusão que envolve a Igreja Católica, o sistema de coronelismo, e até Deus (Maurício Gonçalves), Nossa Senhora (Fernanda Montenegro) e o diabo (Luís Melo).

O padre (Rogério Cardoso) e o bispo (Lima Duarte), assim como o coronel (Paulo Goulart), são todos enganados pelo esperto João Grilo, que sempre busca obter vantagem, e a morte da cachorra com o seu polêmico e luxuoso ritual fúnebre põe em evidência o assunto da finitude, abordando questões sociais, históricas, e o monopólio da Igreja, e de sistemas religiosos sobre os discursos de morte e de finitude. De forma brilhante, o autor mostra, de forma crítica, como o olhar das pessoas para o tema da morte é quase sempre moldado pelas compreensões religiosas. O filme propõe o humor como recurso para enfrentar um tema complexo, o “único mal irremediável”.

No decorrer do filme, Chicó se apaixona pela filha do coronel, a doce Rosinha (Virgínea Cavendish), que tem como pretendente o cabo valentão da cidade (Aramis Trindade), e é disputada também pelo valente Vicentão (Bruno Garcia). A história toma um rumo totalmente diferente, quando boa parte das personagens é morta, durante uma invasão de cangaceiros da localidade, comandado pelo rude Severino (Marco Nanini), que faz uma alusão ao cangaceiro do Nordeste, Lampião. Agora mortos, do outro lado da vida, João Grilo, Severino, Eurico e Dora, o Padre e o Bispo se encontram diante de um julgamento, tendo por acusador o diabo, disposto a tudo para levá-lo ao fogo eterno, e do outro Nossa Senhora, a Compadecida, que no desespero de João, é invocada, passando a advogar por todos, tentando convencer o justo Juiz, Jesus Cristo, a salvá-los.

2 MÉTODO

A análise do filme é conduzida através da metodologia da análise fílmica, relacionando os elementos cinematográficos com a Logoterapia. Segundo Penafria (2009), a análise de um filme implica necessariamente em decompor a película, o que envolve duas etapas importantes: primeiramente, descrever os elementos da obra e, depois, estabelecer compreensões sobre as relações entre esses elementos, para interpretá-los, aqui para examinar os discursos de finitude e a visão nordestina do humor presente nas personagens do filme.

É importante fazer uma diferenciação: análise fílmica e crítica cinematográfica não são as mesmas coisas, apesar de, em muitos casos, serem usados como sinônimos, são coisas distintas. O primeiro envolve o rigor metodológico da racionalidade científica, o segundo a experiência estética do ser que comenta. A análise fílmica tem suas ferramentas metodológicas, como aponta Penafria (2009), Jullier e Marie (2009), Aumont (2005; 2009) e Vanove e Goliot-Lété (2008; 2011).

De modo geral, como apontado por Vanoye e Goliot-Lété (2011) e Penafria (2009), a análise fílmica é um processo que envolve ao menos duas etapas, a primeira sendo a de

composição de cenas em planos e a segunda, a análise das relações entre os elementos decompostos. O seu objetivo, nesse caso, é, justamente, explicar, esclarecer, o funcionamento da obra cinematográfica. A análise fílmica nem sempre requer uma observação minuciosa da obra como um todo. O analista pode escolher, por exemplo, uma sequência que seja importante e consiga traduzir as ideias presentes no filme (PENAFRIA, 2009).

Ainda conforme Penafria (2009), alguns pontos devem ser levados em consideração durante a análise, tais como informações, dinâmica da narrativa, pontos de vista, cena principal do filme e conclusões. Assim, a análise do filme *O Auto da Compadecida* permite decompor, discutir, dissecar, interpretar e compreender a obra.

Para a construção da análise foram consultadas obras clássicas da Logoterapia, que abordam temas relacionados à vida e à morte, como Frankl (1991; 1997; 2011; 2019) e Lukas (2020; 2021). A metodologia fílmica utilizada incluiu assistir ao filme, discutir suas nuances e correlacionar esses aspectos com temas da Logoterapia como o encontro do sentido na existência humana, a tridimensionalidade bio-psico-noético, a tríade trágica (sofrimento, culpa e morte), a tríade valorativa (atitude, vivência e criação), os pilares logoterapêuticos (liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida), a autotranscendência, o autodistanciamento e a vontade de humor, presentes nas narrativas de finitude das personagens.

3 RESULTADOS

Após anunciar a morte da cachorra, Chicó expressa: “A cachorra cumpriu sua sentença, encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo que é vivo, morre.” Na Logoterapia, o conceito de tríade trágica, aquele onde Frankl diz que nenhum ser-humano pode escapar da tríade dor, culpa e morte revela-se na reflexão de Chicó. Percebe-se que diante do diálogo sobre a morte, a angústia toma conta dos protagonistas, porém, ao mesmo tempo, o enredo se transforma, e Chicó fala da história da morte do seu pirarucu, dizendo que o peixe o pescou, a história é tão fantasiosa, que João Grilo não se aguenta e cai na gargalhada, evidenciando um recurso tipicamente nordestino, que é apelar para o humor, diante do trágico.

“O que é ainda mais importante é o fato de que o humor permite a pessoa criar uma perspectiva, impor uma distância entre si mesmo e o que quer que o confronte. Na mesma moeda, o humor permite ao ser humano um descolamento de si mesmo, o que implica a obtenção do maior autocontrole possível”. (FRANKL, 2011, p. 135).

No momento que o medo da morte o confronta, Chicó apela ao humor, o que impõe uma certa distância entre ele e o medo, é como se o humor enfraquecesse a tensão causada pelo medo. O humor, como aponta Frankl (2011), permite que ao ser humano um deslocamento de si mesmo, é como se diante do medo, o sujeito se projetasse em outro ambiente, gerando assim, outras emoções que atuam como fator protetivo ao adoecimento psíquico.

Toda vez que Chicó apresenta uma narrativa fantasiosa, onde quase sempre o coloca como herói, que desafia a morte, que corre riscos, que se ver no limiar da finitude, ele se aproxima de um recurso técnico da Logoterapia chamado de Intenção Paradoxal. Para Neves e Carlos (2023), “a técnica de intenção paradoxal foi proposta por Viktor Frankl com o compromisso básico de diminuir o sofrimento causado por certos comportamentos através do humor e do paradoxo.”

A técnica da Intenção paradoxal tem como objetivo encorajar a paciente a fazer ou a encarar a coisa que ela mais teme (...) assim, através dessa técnica, a paciente seria colocada diante do fenômeno da “ansiedade antecipatória”, que seria a sua reação diante do acontecimento que ela tanto teme (...) tal fenômeno daria causa à “inversão da intenção”, ou seja, a ansiedade antecipatória perderia espaço e o medo patogênico daria lugar a um desejo paradoxal” (NEVES, CARLOS, 2023).

Para Rodrigues (2011), um paradoxo é configurado quando existem dois elementos mutuamente excludentes que, no entanto, coexistem. Embora possa não parecer à primeira vista, os seres humanos se movem constantemente dentro da estrutura do paradoxal. Nós amamos e odiamos a mesma pessoa. Nós avançamos e retrocedemos simultaneamente. As técnicas são basicamente indicadas para quem tem uma alta expectativa de fracasso diante do que propõe, ou uma baixa capacidade de reconhecer os seus recursos para enfrentar dificuldades, e são úteis principalmente para aqueles com grandes cargas obsessivas ou fobias difíceis de resolver que, em ambos os casos, geram muita angústia (Neves, Carlos, 2023).

A intenção paradoxal é usada em diferentes tipos de terapias. No entanto, a principal dificuldade é que exigem uma grande habilidade do terapeuta. Se não for assim, o paciente acaba vendo essas técnicas como uma manipulação comum, da qual ele não quer fazer parte. A primeira coisa que se pede para alguém que trabalha com a intenção paradoxal para superar um problema é interromper o seu desejo de controlar ou alterar os seus sintomas. Dessa forma, ela é encorajada a deixá-los aparecer deliberadamente e, se possível, exagerá-los. Trata-se de propor à paciente que alimente o seu sintoma, que fantasie da maneira mais dramática possível, e até fazendo certo deboche de si mesmo, que esteja apresentando uma crise nunca vista por ninguém. Se, por exemplo, a paciente for uma fóbica, que esteja diante de seu objeto de medo irracional, se ela tem uma dependência de alguém, se imaginar tendo uma crise, um surto pela falta que outro deixa, e dramatizar tudo isso, exagerando o que sentiria, e assim, percebendo-se naquele contexto, rindo de si mesma e elaborando que a vida não se resume aquela situação, ou aquela pessoa. (NEVES, CARLOS, 2023, p.22)

A cena a seguir mostra Dora diante do corpo da cachorra, onde a mesma exige que o animal seja enterrado em latim, e tenha um funeral digno de um ser-humano, o que é imediatamente recusado pelo padre. Nota-se a necessidade de Dora em realizar um ritual fúnebre para sua cachorrinha, o que não eliminará a dor da perda, mas ofertará um consolo, por ser uma forma de homenagem, onde honrará a memória do seu animal de estimação. O que mostra a finalidade de rituais fúnebres.

O tom humorado que o autor usa na construção da cena, leva o expectador a rir mesmo diante de um tema culturalmente triste. “Não sei, só sei que foi assim”, uma frase que parece não explicar muita coisa, mas é uma das mais conhecidas do cinema nacional. A sentença dita por Chicó no filme, poderia ser uma forma de se falar da morte de alguém, algo que é inevitável, o destino de todos, mas que não necessariamente garante uma explicação empírica.

O filme vai tecendo uma narrativa sobre a luta por sobrevivência de João Grilo, de Chicó e de outras personagens, numa sociedade de classes repleta de problemas, de desigualdades, de injustiças, e isso é apresentado explicitamente na cena onde a Compadecida apresenta a história de vida dos personagens em julgamento, mostrando a gênese de diversos problemas, inclusive os éticos e morais. A compadecida mostra que na hora da morte, eles se deram conta de seus erros, mas que eles precisavam sobreviver, e tentando resolver um problema acabam criando outros.

Ao se depararem com a finitude evidente, as personagens buscam dar sentido às suas vidas realizando desejos reprimidos e reconectando-se com seus valores experienciais, criacionais e atitudinais, a tríade valorativa frankliana, e isso fica bem claro quando o casal Eurico e Dora reconhece seus erros, se perdoam e declaram o amor, renovando a aliança, momentos antes de serem assassinados.

Para Frankl (2022), os valores atitudinais são aqueles que realizamos diante da tríade trágica da existência, dor, culpa e morte. Podemos notar como a proximidade da morte pode intensificar a busca de sentido na vida, onde conseguimos valorar as relações, as coisas e as pessoas, e nesse atribuir valor, dar-se conta de coisas que antes não eram tão claras. Assim, pode-se afirmar que a reflexão sobre a morte, amplia o campo de visão e o alcance ao sentido da vida.

Frankl (2022) afirma que a pessoa é única responsável pelo viver e pelo sofrer. Sendo de fato a vida única e ninguém pode viver por ninguém, ao sofrimento se admite a mesma experiência, ninguém pode sofrer pelo outro, ninguém pode sofrer o sofrimento que a vida destina ao outro.

Quando a pessoa descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original. Mesmo diante do sofrimento, a pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo cosmo dentro deste destino sofrido. Ninguém pode assumir dela o destino, e ninguém pode substituir a pessoa no sofrimento. Mas na maneira como ela própria suporta esse sofrimento está também a possibilidade de uma realização única e singular. (FRANKL, 2022, p. 102-103).

Dora e Eurico se perdoam e desejam de alguma forma, tomar o sofrimento do outro, porém, já não é possível. A finitude é uma realidade a qual não se costuma pensar, e isso fica muito evidente nas personagens, que embora citem a morte e finitude no cotidiano da vida, não tomam essa consciência plena. A obra de Frankl (2022), explana que a morte convoca o homem à vida. A maioria das pessoas refletem sobre a sua própria existência após um funeral, onde a ideia de finitude está bem presente.

A cena da invasão dos cangaceiros à cidade de Taperoá, é como a revelação, o efeito surpresa do filme, mostrando que o tempo todo, as personagens estão rodeadas pela morte. A invasão leva as personagens a uma reflexão sobre a morte, que agora está batendo à porta. Todos mortos, é hora do julgamento. Surge o diabo! O capiroto, o coisa ruim, personagem nordestino do demônio, que quer levar todos os mortos para o inferno, até que João Grilo interrompe a gritaria: “Que diabo de tribunal é esse que não tem apelação?” Entre a aprovação de todos com “Boa, João Grilo”, apela-se a Jesus Cristo que logo vem chegando. Jesus apresenta-se como Emanuel, mas pode ser chamado como quiser. Com a sua chegada João Grilo sente-se seguro. Emanuel é “um preto retinto, com uma bondade simples e digna nos gestos e nos modos”. João Grilo meio tonto com essa estranha presença e sem querer lhe faltar com o respeito diz que “pensava que o senhor era muito menos queimado”. Essa conversa sobre o racismo de todos ali se desenrola e procede-se o início do julgamento.

Todos são acusados pelo diabo, desde o bispo, que é o primeiro a ser acusado de simonia, falso testemunho, velhacaria, arrogância e falta de humildade no desempenho de suas funções; o padre, o que o diabo diz que “tudo o que disse do bispo pode se aplicar ao padre, simonia, velhacaria, política mundana, arrogância com os pequenos, subserviência com os grandes e pior, a preguiça quando deixava tudo por conta do patife do sacristão”. Então, começa o julgamento do padeiro e da sua mulher: “avareza do marido e adultério da mulher”; João Grilo dialoga com Emanuel e o diabo passa a acusar Severino de Aracajú. Para o diabo não há o que julgar, por isso, sugere o inferno direto para eles, mas Emanuel quer esperar. Todos tremem de medo pois as acusações são graves. “O amarelo (João Grilo) está tremendo, mas é só o corpo, porque a cabeça está trabalhando”.

É João Grilo quem usa um trunfo, que é maior que qualquer santo: "Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré! A vaca mansa dá leite, a braba dá quando quer. A mansa dá sossegada, a braba levanta o pé. Já fui barco, fui navio, mas hoje sou escaler. Já fui menino, fui homem, só me falta ser mulher. Valha-me Nossa Senhora, Mãe de Deus de Nazaré!"

O diabo diz: "Lá vem a Compadecida! Mulher se mete em tudo!" João pergunta se ela se ofendeu com o ser versinho, ao que ela responde que não a incomodou, que até gostou, que ficou alegre com o verso "tem umas graças, mas eu até acho bom" porque "quem gosta de tristeza é o diabo!" A Compadecida ouviu as acusações e intercede por todos eles junto ao filho pedindo que não os condene. Ela fala do bispo, do padre, do casal e de Severino. É uma verdadeira advogada, que apelo pelo que há de bom, de belo e de verdadeiro em cada um.

A Compadecida lembra que na hora da morte, o padre e o bispo não deixam de perdoar e dispensar a absolvição dos pecados do próprio assassino. Por um instante, o bispo ainda tenta uma última estratégia para salvar a própria vida, dizendo que só irá absolver se o cangaceiro se arrepender, indicando que ele não deveria mata-los, e em troca receberia o sacramento. O cangaceiro se nega a desobedecer às ordens de Severino, e mostra que vai matar o padre e o bispo, ao ponto que o bispo diz: "então vá se danar", negando-lhe a absolvição. O padre então lembra ao bispo das suas missões no mundo, ou poderíamos dizer, do sentido de suas vidas. A Compadecida diz que "muitas vezes é na hora de morrer, que eles encontram o que procuraram a vida toda."

O fundador da Logoterapia diz que só diante da possibilidade de morrer se descobre se, de fato, a vida vivida teve ou não sentido, graças às escolhas pessoais realizadas diante das circunstâncias vivenciadas. Diz ele: Ao homem pode se arrebatrar tudo, salvo uma coisa: a última das liberdades humanas – a eleição da atitude pessoal ante um conjunto de circunstâncias – para decidir seu próprio caminho. (FRANKL apud XAUSA, 1986, p.154). Pode-se dizer que diante da morte, padre e bispo se deparam com o sentido da vida. De acordo com Frankl (2003), só a pessoa humana é capaz de vivenciar sua própria problemática, podendo questionar-se sobre o sentido da vida, que é considerada uma manifestação saudável. É somente em seu último momento vivo que a pessoa saberá com certeza qual foi o seu sentido na vida.

"Na oração da Ave Maria, os homens me pedem para eu rogar por eles na hora da morte, eu rogo e olho para eles nessa hora", e continua: "e vejo que muitas vezes, é na hora de morrer que eles finalmente encontram o que procuravam a vida toda." Foi o que aconteceu com Eurico e Dora.

"A gente sempre pensa que vai poder esticar a vida mais um bocadinho..." Diz Eurico, "por mais que eu goste de viver, eu sempre me perguntei se eu queria que minha vida se

espichasse além da sua...Agora eu sei, eu não ia aguentar ver você morrer.” Responde Dora. E diz: “Eu quero morrer primeiro, Eurico!” Ao que ele pergunta: “Oh Dora, por que você me traiu esse tempo todo?”, ao que ela responde: “Acho que foi por isso mesmo, trair você, era lhe matar um pouquinho dentro do meu coração, eu tinha tanto medo de lhe perder de vez, que eu ia tentando lhe perder aos pouquinhos.” A cena encerra com Eurico dizendo: “Tenha cuidado não, agora a gente vai ficar junto, pra sempre... É pra gente morrer junto.”

Nessa perspectiva, pode-se perceber é possível encontrar sentido no mundo apesar da dor, da culpa e da morte. Existir no mundo implica não apenas estar nele, mas ser afetado por ele em sua existência. Na hora da morte, Eurico e Dora experimentam de forma mais consciente (awareness) as dores da existência, numa perspectiva logoterapêutica, no último instante se deparam com o sentido da vida.

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado, e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. (FRANKL, 2022, p. 136, 137).

Enfim, chega a vez de João Grilo ser acusado: “foi ele quem tramou toda a história do cachorro e do enterro, assim como a do gato que descomia dinheiro; também é acusado de matar Severino e o cabra dele com uma história de gaita, padre Cícero e mais”. João retruca: “legítima defesa, Nosso Senhor!” Acusações continuam.

Na Logoterapia, quando se depara com alguém que está desacreditado e desistindo da vida, é comum o uso da técnica da apelação, que é um recurso que promove a busca de resgate da capacidade de sentir e de perceber-se em um momento; como também denuncia características pessoais usualmente passada por despercebida (Rodrigues, 2011). A apelação está relacionada a questão do surgimento dos elementos positivos dentro de situações negativas. É o que acontece no tribunal, onde todos estão sendo acusados, e cheios de culpa e desesperança. A compadecida, vai na história deles e começa a resgatar fatos, que envolvem experiências, criações e atitudes que eles tiveram diante dos momentos difíceis. É como se ali ela fosse relembrando a cada um os seus valores e a dignidade humana que não deixa de existir.

Para Rodrigues (2011), a apelação visa enaltecer características positivas na fala da paciente, que demonstrem seus pontos fortes, apesar da sua situação de sofrimento que a fez chegar até ali, reavivando sua capacidade de sentir, sua humanidade escondida, mas passível de resgate. Quando João Grilo parece convencido que merece as chamas do inferno e começa a

dirigir-se para as portas infernais, “eu estou lascado, comigo era na mentira”, apela a compadecida: “você mentia pra sobreviver!” aceitando a condenação eterna, João diz que também gostava “acabei tomando gosto!” A compadecida começa a lembrar a João da sua história, das explorações que ele viveu, recorda que “a esperteza é a coragem do pobre, a esperteza era a única arma que você dispunha contra os maus patrões.” João agradece a intercessão da Compadecida, mas diz “devo reconhecer que não fui nenhum santo”, o diabo aproveita a situações e diz que João está se fazendo de coitadinho, ao que João responde que talvez seja isso mesmo, “do jeito que sou ruim, deve ser isso mesmo...” A Compadecida continua apelando para o que há de sadio em João, para aquilo que não está adoecido, que não está corrompido, comprometido... “Não! Não se entregue João, não se deixe enganar João, esse é o pai da mentira, e está querendo lhe confundir.”

Diante da dor, da culpa, do medo da morte, dos conflitos com o tema da finitude, as pessoas vão comprometendo suas autoestimas, e assim, perdem também a visão do suas potencialidades, dos valores que podem realizar, inclusive diante do sofrimento que vivenciam. A apelação consiste em apelar-se para a porção sadia da paciente, a qual sempre existe, pois nunca um mal psíquico, físico ou social atinge a pessoa totalmente. Como destaca Carlos e Neves (2023), é um recurso técnico onde se resgata no paciente a sua capacidade de sentir, sua humanidade oculta pela mal-estar, facilitando para que ela possa ir acessando sua dimensão noética.

Por fim, a Compadecida advoga pelo grilo mais mentiroso do Nordeste, quando pede ao seu filho Jesus que não o condene, mas como foram muitos pecados, só resta à Compadecida pedir ao filho que deixe João voltar. João volta ao mundo depois de ajoelhar-se diante da Compadecida e beijar-lhe a mão. De volta, João assusta Chicó com voz de alma – “da ruim, daquela que diz que está viva”. Falando com o além, Chicó diz “João, dizeis o que quereis”, e é com grande relutância que Chicó reconhece João como vivo. Num instante eram ricos e sócios, mas Chicó lembra que prometeu a Nossa Senhora todo o dinheiro se João escapasse! Então, os dois amigos vão levar o dinheiro para o altar da Compadecida, como se fossem os “honorários de advogada”.

Em O Auto da Compadecida destaca-se especial atenção à dimensão noética (ou espiritual) da pessoa, pois é nessa dimensão que se situa a tomada de decisão quanto ao posicionamento frente aos desafios que a vida apresenta. João Grilo e Chicó acessam a dimensão noética, onde estão os recursos de autodistanciamento e de autotranscendência, da vontade de humor, da criatividade, da ética, os quais possibilitam viver uma vida plena de sentido, mesmo no árido da vida.

A história de Viktor Frankl é marcada pela passagem por diversos campos de concentração nazistas, entre eles Auchwitz, Theresienstadt e Dachau, onde ele se deparou com o sofrimento do qual extraiu a força propulsora para sobreviver e com as vivências que o influenciaram, passou compreender melhor o sentido da vida e o posicionamento que se deve adotar ao enfrentar até mesmo as piores situações, como as que vivenciara quando sob o nazismo (XAUSA, 1988).

Na obra “Em Busca de Sentido”, Frankl descreve as circunstâncias infelizes pelas quais passou durante sua prisão, falando também sobre o método terapêutico para encontrar sentido existencial, independentemente da situação vivida. Ele vai chamar essa experiência de *experimentum crucis*. Segundo Xausa (1988), o campo de concentração foi, para Frankl, um laboratório vivo, onde pode constatar sua teoria através das vivências dos homens que ali estavam. Lukas (1990) escreve que o ser humano possui uma vontade intrínseca de sentido, e essa seria sua motivação a viver continuamente, sem retroceder, permanecendo na constante busca do seu sentido.

O Auto da Compadecida mostra como o povo nordestino usa o Autodistanciamento diante do sofrimento, o que significa, que a pessoa afasta-se de si próprio, toma distanciamento do seu sofrimento, o que permite o controle dos próprios impulsos, aumentando a capacidade de autoconhecimento, como também a capacidade de assumir uma tomada de decisões, quanto aos processos emocionais, conseguindo-se, assim, afastar-se de uma dada aflição, procurando-se enxergar o mundo a partir de uma nova perspectiva.

A atitude de autodistanciamento faz com que a pessoa consiga afastar-se de si mesma, colocando-se de forma ativa diante das situações adversas da vida, podendo perceber, assim, uma nova perspectiva existencial, colocando-se acima dos seus condicionamentos psicofísicos. Um dos recursos noéticos que a pessoa utiliza para distanciar-se de si é o humor, capacidade de rir em meio à tragédia. O humor permite que a pessoa torne-se senhora de si (FRANKL, 1989).

Para Frankl (1989), é através do autodistanciamento, que a pessoa abre-se para novas experiências, abre-se para o mundo; passando assim pelo recurso noológico da autotranscendência, capacidade de ir além de si mesmo, apontando para algo ou para alguém, seja uma pessoa para amar, uma obra a realizar, uma tarefa a cumprir, mas que seja algo ou alguém além de si mesmo. Diante da finitude, o autodistanciamento e autotranscendência levam as pessoas a ampliar o campo de visão, enxergando outras possibilidades e encontrando uma maneira de deixar algum monumento no mundo.

No dia-a-dia João Grilo se mostra forte e otimista, inteligente perante Chicó, apesar da vida dura, da fome, da seca, da pobreza. Grilo também sente, sofre, e não deixa transparecer em

alguns momentos, o medo que o consome, o medo da fome, o medo da morte, mas sempre usa de sua criatividade para que seu amigo Chicó não perca a esperança. O humor em vários momentos salva Grilo e Chicó do medo da finitude.

Pode-se perceber a tríade valorativa na dinâmica da vida de João Grilo, principalmente aqui, os valores criativos, que segundo Frankl, seria o resultado da capacidade humana de criar. Para Frankl, a partir desses valores, é possível compreender o valor da vida. Para Carlos (2022), os valores criativos surgem no momento que a pessoa percebe que pode criar algo no mundo e para o mundo. Os valores vivenciais aparecem a partir de experiências e vivências concretas no mundo, e manifestam-se quando o ser humano se abre ao outro e ao mundo. Os valores atitudinais são as atitudes que as pessoas tomam diante da tríade trágica (dor, culpa e morte), situações que de alguma forma impossibilita a pessoa, seja fisicamente, biologicamente ou psicologicamente de realizar os outros valores, restando-lhe por último, assumir uma atitude diante dos limites, frente à situação adversa.

Foi um momento difícil para João Grilo, quando parece que círculo se fechou, que ele passar a inventar tudo de repente e em meio ao caos, ter a maiores e melhores ideias. A bexiga de sangue de porco, que é usada para se salvar e salvar o amigo de perder uma tira de couro das costas, com sua capacidade criativa, João acaba saindo-se das piores situações. Por um motivo maior, o ser humano é capaz de superar toda e qualquer adversidade, e mesmo que se depare diante de um limite, resta-lhe, nas palavras de Frankl, a última das liberdades humanas, escolher sua própria atitude. Xausa (1988) destaca que, entre as reações dos prisioneiros dos campos de concentração, estava também a empatia, demonstrada nos prisioneiros que passavam nos barracões para consolar os colegas e oferecer-lhes o último pedaço de pão que lhes restava. Por isso, Frankl (2008) afirma que o ser humano é capaz de reagir de maneira positiva, mesmo diante das situações mais opressoras. O que o homem procura, na verdade, não é a felicidade e, sim, um motivo para ser feliz (FRANKL, 1990).

Apesar de toda a adversidade, João Grilo tinha um grande motivo para ser feliz, uma linda amizade com Chicó, pode-se pensar, qual outra personagem tem uma amizade tão leal quanto a dos dois? Por isso, “seja como for, o romance vivido por um homem é sempre uma realização criadora incomparavelmente maior do que o que alguém porventura tenha escrito” (FRANKL, 1986, p.64-65).

Frankl diz que o sentido da vida é único, porém a vontade de sentido se renova a cada dia. Grilo sonha com uma vida melhor, alimentando uma ambição própria de quem vivia na miséria, a esperança própria do nordestino situado na década de 20 e de 30, onde a seca era terrível, onde as políticas públicas não chegavam, não eram efetivadas, onde o índice de

analfabetismo era altíssimo. Grilo foi altamente criativo, até seu último suspiro. Não se deixou abater em nenhum momento sequer, sempre resistindo às adversidades, as quais superou em prol de uma causa maior, no caso, seus amigos. Percebiam que João Grilo, por mais que vendesse uma imagem de “enrolão”, de alguém que só queria tirar proveito das situações, essa não é a realidade da personagem. Era um verdadeiro herói para os seus amigos, em todas as confusões que se envolveu, sempre foi pelos amigos Chicó ou Rosinha. Na hora do julgamento final, também pede pelos amigos, transcendeu seu sofrimento por uma causa para além de si mesmo. Segundo a Logoterapia, o ser humano é dotado dessa capacidade de autotranscendência fazendo parte desse processo, sendo o sentido da vida a base de tudo.

Frankl afirma: [...] - se deve apelar para a vontade de vida, para o prosseguimento da vida, para a sobrevivência justamente em relação a estas situações: isto só tem sucesso, como a experiência mostra, quando esse apelo também pode ser destinado à vontade de sentido, em outras palavras, quando o querer sobreviver representa um dever-sobreviver e também é apreendido e experimentado enquanto tal - em uma palavra: quando continuar vivendo tem um sentido (FRANKL, 2014, p.125).

Nietzsche diz que "só quem tem um por que viver suporta quase todo como". (FRANKL, 2014, p.125). Somente quem encontra o sentido da vida entende o para que sofrer, se posicionando diante deste condicionamento, através de sua liberdade e responsabilidade e de seus valores que são únicos e irrepetíveis, consegue se autotranscender. Sobre autotranscendência Frank afirma que: [...] designa, aqui, o fenômeno antropológico-fundamental de que o homem também olha sempre para além de si mesmo em direção a algo, que não é, por sua vez ele mesmo; para algo - ou para alguém; para um sentido que é importante preencher, ou para uma pessoa à qual alguém se dedica por amor; pois no serviço relativo a uma coisa ou no amor por uma pessoa, o homem se torna pela primeira vez plenamente homem e realiza a si mesmo (FRANKL, 2014, p.307).

Por meio do humor, a pessoa aprende o mais rápido possível a ironizar de algum modo seus sintomas neuróticos. [...] Nada é capaz de fazer com que o paciente se distancie tanto de si mesmo quanto o humor. O humor mereceria ser designado um existencial (FRANKL, 2014, p.171). Frankl (2014, p.264) explica que: Na Logoterapia, portanto, compreendemos por sentido em geral o sentido concreto, que consegue distinguir uma pessoa concreta - por força de sua "vontade de sentido" - a partir de uma situação concreta.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme *O Auto da Compadecida* apresenta sujeitos nordestinos que se percebem e que se posicionam perante a finitude de forma cômica, com fé fervorosa, com atitudes covardes ou heroicas; como escreve Viktor Frankl, na reflexão sobre a morte, as pessoas sentem-se convocados à vida. Aproximando-se também da concepção de ser-para-a-morte de Martín Heideggerd, onde assumir esse posicionamento, não significa pensar constantemente na morte e sim encarar a morte como um problema que se manifesta na própria existência. A análise fílmica tece aproximações entre a Logoterapia e as narrativas e experiências dos protagonistas do *Auto da Compadecida* diante da finitude e da morte, mostrando que o autodistanciamento e a vontade de humor, que é entre outras coisas, a capacidade de enxergar aquilo que é trágico de forma engraçada, é um recurso especificamente humano-nordestino para autotranscender.

Observa-se que a Logoterapia pode ser uma ferramenta valiosa para ampliar o olhar para a finitude, e que o recurso do autodistanciamento e da vontade de humor podem sim, ajudar as pessoas diante do assunto da morte. Pode-se destacar ainda como resultados desta pesquisa, a utilidade da metodologia fílmica na investigação de temas psicológicos e especificamente logoterapêuticos, evidenciou-se aqui, como a análise cinematográfica pode contribuir para a compreensão mais profunda do autodistanciamento e da vontade de humor para a autotranscendência diante do tema da finitude.

Para a Logoterapia o autodistanciamento e a autotranscendência são características específicas do ser humano. Como pode-se perceber, é de suma importância que a Logoterapia seja melhor explorada na Clínica Psicológica ou aplicada a obras de arte, como outras películas cinematográficas, letras musicais e poemas, ou sirva como lastro teórico para trabalhos de campo cujo tema seja o sofrimento humano e sua capacidade de superação.

REFERÊNCIAS

_____. *Logoterapia e Análise Existencial: textos de seis décadas*. Tradução de Casanova, Marco Antônio Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

_____. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 55. ed. – São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2022.

_____. *Psicoterapia e Sentido da Vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*; tradução de Alípio Maira de Castro – 7ª ed. – São Paulo: Quadrante, 2019.

Alisson Gutenberg: Um breve ensaio metodológico para introdução à análise fílmica. Revista eletrônica. Cinema com Teoria. <https://www.cinemacomteoria.com/um-breve-ensaio-metodologico-para-introducao-a-analise-filmica/>

AUMONT, J. A estética do filme. 7. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009. AUMONT, J. A imagem. 10. ed. Campinas, SP: Papirus, 2005.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. A Análise do Filme. Lisboa: Texto & Grafia, 2009

CARLOS, Diogo Rogério. Maturidade humana. 1. ed. – São Paulo, SP: Editora Baruch, 2022.

FABRY, Joseph. Aplicações práticas da logoterapia / Joseph Fabry; [tradução equipe da ECE]. – São Paulo: ECE, 1990.

FRANKL, V. E. A questão do sentido em psicoterapia. Campinas: Papirus, 1990. FRANKL, V. E. A presença ignorada de Deus. Petrópolis: Vozes, 1993.

FRANKL, V. E. et al. Psicoterapia e Sentido da Vida. Quadrante, 2019.

FRANKL, V. E. Fundamentos antropológicos da psicoterapia. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido da vida. São Paulo: Quadrante, 2003.

FRANKL, Viktor E. A Vontade de Sentido: Fundamentos e Aplicações da logoterapia. São Paulo: Paulus, 2011.

HEIDEGGER, Martin. Caminhos de Floresta. Trad. Alexandre Franco de Sá. Fundação Calouste Goulbenkian, Lisboa, Portugal, 1998.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. Lendo as Imagens do Cinema. São Paulo: Senac, 2009.

KÜBLER-ROSS, E. “Sobre a morte e o morrer”. 8ª Ed., Martins Fontes. São Paulo, 1998.

LUKAS, E. Mentalização e saúde. Petrópolis: Vozes, 1990.

MARIE, M.; AUMONT, J. Dicionário teórico e crítico de cinema. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

O AUTO da Compadecida. Direção: Guel Arraes. Roteirista: Adriana Falcão, Guel Arraes e João Falcão. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 1999. 1 filme (157 min), son., color.

O que ‘O Auto da Compadecida’ significa para o Cinema Brasileiro?

<https://culturadoria.com.br/auto-da-compadecida-2/#:~:text=O%20Auto%20da%20Compadecida%20%C3%A9,que%20tentam%20sobreviver%20no%20Sert%C3%A3o.>

Penafria, M. Análise de Filmes - Conceitos e Metodologias. 2009.

RODRIGUES, Roberto. Fundamentos da Logoterapia – na clínica psiquiátrica e psicoterapêutica. Vol 1. Petrópolis: Vozes, 1991.

SUÁREZ, L. A. B.; CALDAS, M. T.; SOUSA, M. N. A. Elos da psicologia: logoterapia e tanatologia. In: SOUSA, M. N. A. et al. (Orgs). Saúde e bioética em foco: coletânea de artigos multitemáticos. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018, v.1, p. 373-382.

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

VANOYE, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Ensaio sobre Análise Fílmica. Campinas: Papirus, 2008. VANOYE, Francis; FREY, Francis; GOLIOT-LÉTÉ, Anne. Le Cinéma. Coleção Rapères Pratiques. Paris: Nathan, 2011.

XAUSA, Izar A. M. A psicologia do sentido da vida. Petrópolis: Vozes, 1986.